

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Editor—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Poiz, Largo de Palacio n. 17. —Pagamento adiantado.

NUMERO 23.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 22 DE JUNHO DE 1873.

A poesia popular brasileira.

III (1)

No trabalho comparativo que fizemos entre os romances populares portuguezes e os nossos havidos por herança, reconhecemos um principio:—em todos elles, apesar das corrupções, sortes, confusões de uns com outros, existe sempre o mesmo fundo maravilhoso ou cavalheiresco, conforme o cyclo a que pertencem.

E' que, na poesia popular, esses dois elementos são os mais communs, e sobre elles reza o povo as suas lendas, as suas tradições e os seus contos.

Seguimos, neste trabalho, a collecção de Theophilo Braga, como a mais completa e extrema de qualquer composição propria, o que não acontece com a de Garret, que ás mais das vezes é emendada e aperfeiçoada, ficando d'esse modo defeituosa. Garret muitas vezes troca palavras e mesmo idéas, como elle mesmo confessa, quando acha que os ouvidos melindrosos podem chocar-se com os dizeres simples

(1) Veja-se o 1.º vol. do *Cancioneiro e Romancero Portuguez*, de Th. Braga.

FOLMETIM.

O dia 25 de Julho.

(Trad. de D. S.)

O conde entreteve-nos durante o jantar com a narração de antigas lendas do paiz.

Os seus contos harmonisavam-se com as ogivas das janelas e quadros que cercavam a vasta sala.

Elle os narrava com uma originalidade encantadora; parecia-me estar ouvindo um desses *Minnenger*, trovadores da Alemanha.

Depois do jantar voltamos á bibliotheca.

O barão Adalberto deixou-nos logo.

O conde mostrou-me edições raras e muitos manuscritos com admiráveis vinhetas.

Depois, como recordando-se de alguma coisa, dice-me repentinamente:

«A perturbação que mostrei, quando fallastes no dia 25 de julho, provem do que passo a contar-vos, e talvez que, como os meus, se enchem de lagrimas os vossos olhos.»

E, tendo sentado-se n'uma rica poltrona, continuou:

«Ha quinze annos eu era moço; tinha visto no meu lindo paiz passarem-se vinte cinco primaveras!»

Minha cabeça era cheia de poéticos sonhos; quiz visitar as ruínas de minha patria e collectar as tradições que animam as arengas bizarras que os povos imaginam na sua infancia.

Assim, parti da Bohemia, onde nasci, em companhia de meu primo Adalberto.

Depois de ter visitado os castellos que encontrei,

e rusticos do povo, com as palavras e phrases mais ou menos obscenas.

Se fizéssemos um trabalho de recreio e mera diversão, adoptaríamos os methodos e as recomposições de Garret; porém, como assim não acontece, como este estudo tem por fim mostrar o que é verdadeiro, o que é peculiar ao povo, o que lhe é congenito, desprezando-as de boa vontade, essas recomposições, tomando dellas sómente o que nos é necessario.

Declaramos que temos somente colligidos por escripto os romances do—*Bernal francez*—*Não Catharina* e *D. Barão*, e que os outros, que houvermos de compilar, foram ouvidos, e verdade, mas não podemos lê-los por escripto; por causa da grande difficuldade que encontramos nas pessoas que os sabiam, as quaes sómente podiam repetir os *contos*, e quando paravam, não lhes era possível continuar sem recompor.

—Só encarrilhado—diziam-nos a este respeito uma bonita alma.

Além disso, encontramos-nos com a má vontade de muitos, a grosseria de outros, e os medos da maior parte.

No meio de tudo isto, havia um novo elemento com que lutar,—forte, invencível e desanimador:—era a estupidez do nosso povo. Muitas vezes não entendia-

cheguei a este que era habitado pelo ultimo ramo de uma nobre familia.

Aqui vivia o barão de L... com sua filha; este nobre velho conhecia meu pai e recebi-me com essa effusão e cordialidade, que se vão tomando raios de dia para dia.

Sua filha, essa completava dezoito annos, seu talhe tinha ligeireza, direi mesmo, esse ar que Flaxman deu á sua Bimbi.

O peçoço gracioso e flexível sustinha a mais encantadora cabeça que tenho visto.

Era uma dessas cabeças onde os artistas da idade-média algumas vezes encontraram a expressão da fé celeste.

Havia tanta candidez nos seus sorrisos, tanta doçura nos seus olhos, cor de saphira e uma graça infinita nos louros cabellos que se desliziavam na sua fronte virginal!

Sua conversação era tão espirotuosa e simples, e de anjo era o seu coração!

Aqui, o conde, cuja voz estava alterada, guardou por alguns momentos um silencio doloroso, procurando dominar sua commoção.

Depois continuou:

Eu a amava, como nunca havia amado, e imaginei com que prazer não accitei o convite do barão para passar algum tempo no seu castello.

Eu fazia frequentes excursões pelos arredores e voltava com a imaginação impressionada dos mythos que os camponizes faziam-me ouvir.

A Ondina de Lurley, Sternfels e Liebenstein sempre me inspirava.

A noite, lia ou fazia ouvir os poemetos que compunha sobre os nossos contos populares.

Estavamos em julho.

mas parte dos romances cantados, por causa dos inumeros barbarismos nelles introduzidos, e si pediamos explicações sobre alguma palavra intelligivel, não nel-as sabiam dar. —De sorte que, somente confrontando com as versões portuguezas, podemos chegar ao fim desejado.

Em geral, os romances são cantados na parte dramatica e, nas transições, o cantor para, explica em prosa o que falta, commentando muitas vezes por sua conta, introduzindo anacronismos e tudo quanto o meio em que vive lhe dispersa.

As versões que aqui apontamos foram todas colligidas no Maranhão, onde parece-nos que se tem conservado por mais tempo os habitos portuguezes, as festas, as tradições e as lendas. Voltaremos a este assumpto (2).

Vê-se por estas declarações, que usamos de toda a probidade. Nem julgemos por ellas que o nosso trabalho tornar-se-ia in-nocentissimo, pois, si nos faltam as collecções escriptas dos outros romances, que não os apontamos acima, tomol-os ouvido tantas vezes e por tantas pessoas, que alguns até trazemos de côr,

(2) Em Pernambuco somente alcançamos um romance *Juliana*, que é um cortejo heraldo, porém que não encontramos em nenhuma das collecções que temos.

Tinha decorrido um mez: eu havia explorado todos os castellos vizinhos e convidado padre.

Era impossível!

Declaro meu amor a Anna, ella amava-me.

Pedi sua mão e as noivas deviam celebrar-se em 28 de julho.

Uma noite ardeei sobresaltado... pareceu-me ouvir chorar... vesti-me immediatamente, e subindo ao pavimento superior, entrei no quarto de minha noiva.

O barão chorava e ella... estava... morta!

Morreu a 25 de julho!

O conde occorreu ao riso e eu roui longo tempo.

«E a que doença, perguntei eu, attribuiu-se a...?»

Elle apressou-se em interromper-me para não ouvir a palavra—morte, e respondeu:

«Nunca soube-se.»

Um silencio longo e triste succedeu a estas palavras.

Com a voz tremula o conde continuou: «Pouco tempo depois o barão de L... morreu de pezar, levando-me este castello, onde vivo ha 15 annos com meu primo Adalberto que me tem testemunhado uma verdadeira amizade e como não me casarei mais,—porque, quando se amou, como eu amei, o coração não pode se entre abrir ao amor,—elle herdará um dia todos os meus bens.»

—Mas, estes logares, devem alimentar a vossa melancolia, dice-lhe eu.

—Moço, respondeu-me elle, bem vejo, nunca soffrestes; porque então comprehenderies que, quando não pode haver contentamento, o pranto é um alívio, e o unico, que o céo nos dá.

Aqui tudo recorda-me Anna, seu quarto existe

Mutilado

podendo assim fazer as comparações promettidas e em todo o criterio.

Dos onze primeiros romances da *collecção de Th. Braga, o que trazem a inscripção—*Romances communs aos povos do Meio-dia da Europa*—, sómente encontramos um, cuja lèção maranhense possuímos escrita, que anda muito espalhada e cantada entre nós, e é quasi composto. É o —*I. Martinho de Avisado*.

O que temos aproxima-se mais da variante da Foz e traz o mesmo nome de—*D. Barão*— que nella se encontra. O principio

Já começam as guerras
no campo de dom Barão:

é tal qual, assim como o dialogo entre o pai e a filha, que se segue logo depois, sómente com as seguintes differenças. Estes versos

—Tendes o pé pequenino,
filha, conhecer-vos-hão.
•Metel-nos-hei a umas botas,
Nunca dellas sahirão.
Dai-me annas e cavallo,
serei seu filho varão.

na variante que possuímos foram trocados por estes:

—Tendes o pé pequenino,
filha, conhecer-vos-hão.
•Passo p'ra cá estas botas
enchera-as de algodão.

Esta estrophe e da versão da Beira-Baixa, com uma ligeira differença no terceiro verso, que na dita versão é

Dá-me en as suas botas.

A expressão—*passo p'ra cá*—é muito nossa, e usada no interior das provincias, onde foram colligidos estes romances.

Logo adiante, na mesma variante da Foz, ha estes versos:

—Tendes os peitos máis altos,

tal qual, como ella o deixou: a harpa está ainda encostada a chaminé e na pequena bibliotheca ninguém tocou.

O vesido que ella devia vestir no dia do noivado, está ainda dependurado perto da janella...

Só não existe a coroa de brancas rosas que em vez de ornar a rubra fronte da noiva, roçoga a fronte livida de uma morta!

A triste historia do conde fez-me derramar algumas lagrimas.

Sob o peso de taes recordações sua vida tinha marchado para sempre.

Ha homens cujas sensações, ainda que fortes, vão extinguindo-se paulatinamente e com o tempo acabam.

Outros ha que, sob uma calma apparente, afigam sinistros pensamentos e adoram o phantasma que vai matando lhes a existencia; estes são incuráveis e o conde era um delles.

Depois das sigmas de confiança que recebi do conde, não podia deixal-o bruscamente; seria confessar que seus infortunios tinham encontrado pouca sympathia em minha alma.

Sete ou oito dias haviam decorrido depois da confidencia; eu procurava distrair-o de sua melancolia, provocando uma conversação variada e instructiva.

Derepente a porta da camara onde estavam abrio-se e um erado entrou bruscamente: Senhor conde, exclamou elle, Fritz está muito mal!

—Não é nada, respondeu o conde; este Fritz, continuou, dirigindo-se a mim, é um antigo servo do barão de L...

A desgraça que ferio-nos, fez-lhe tamanha impressão que desde essa epoca tem crises nervosas,

filha, conhecer-vos-hão:
—Incolherei os meus peitos
dentro do meu coração.

os quaes, na variante maranhense, adquiriram uma cor local extraordinaria, a qual faremos notar, gruphando as palavras do onde julgamos vel-a resaltar.

—Tendes os peitos crecidos,
filha, conhecer-vos-hão.
•Apertar-os é um peino,
por baixo do cabeção.

Vê-se, por esta variante, que o povo foi procurando substituir cousas que elle não conhecia, como o justilho, de que falla a versão da Beira-Baixa,

Mando fazer um justilho
Que me aperte o coração.

por outras usadas no meio em que elle vive. O cabeção, usado pelas mulheres do interior das provincias, foi escolhido para substituir o justilho, embora se note a contradicção palpavel de ver uma mulher que quer disfarçar-se, continuar a usar do cabeção, vestimenta só propria de mulheres.

Os versos

—Oh mã padre, oh mã madre,
grande dor do coração.

estavam na variante maranhense assim:

—Oh meu pae, minha mã-sinha,
que dóe no meu coração.

donde se conclue, não só pela ausencia dos vocabulos hespanhóes—*madre e padre*—, como pelo diminutivo—*mã-sinha*—, a accentuação nacional.

Em geral nós, os brazileiros, somos muito propensos aos diminutivos, como signal de agrado e carinho. Assim é que geralmente diz-se—meu santinho, meu hemis-

que só o magnetismo pôde acalmar. Eu, dice elle, sorrindo, por meio do magnetismo, acabei prestado alguns servicos a humanidade.

Por muito tempo eu considere o magnetismo como uma mentira audaciosa, e esta opinião, confesso, adoptei-a sem o menor exam. Não sei se por ter encontrado em muito poucos grandes entusiastas da sciencia de Mesmer.

Recentemente operou-se alguma modifição em minha opinião, porque assisti algumas scenas, onde, o doente ferido pelo somnambulismo, respondia ás perguntas, fazendo revelações surprehendedentes.

Foi, pois, sem alguma pensamento ironico, mas com o desejo de assistir a uma nova experiencia, que pedi ao co de a permissão de o seguir. Achemos o doente estorcendo-se no feito num estado de irritação tal, que o proprio conde, habitado a estas sortes de paroxismos, ficou horrorisado.

O barão Adalberto estava perto de Fritz que socorreu logo ao começo das operações magneticas, adormecendo profundamente.

—Vês-me? perguntou o conde, esperando com ansiedade uma resposta.

—Sim, murmurou o doente com voz fraca.

—Dormes?

—Durmo.

O conde, surpreso de um tal resultado, com a vta satisfação de um homem que vê alliviar um infortunio, eu, convém dizer, como um artista que acaba de obter um resultado, exclamou: «E a primeira vez que eu o acho somnolento; vamos saber delle qual é a sua molestia e talvez o meio de cural-a.

—Qual é a tua molestia?

Adalberto até então expectador mudo desta scena, empallidou visivelmente: «Para que estas

perguntas? hallucin elle, ellas só fazem aggravar o estado do doente, antes o deixem descansar...

—Qual é a tua molestia? repetiu o Conde, dando ás suas palavras um tom de autoridade.

—Os remorsos, respondeu o magnético.

Nós estávamos em silencio, como esperando uma revelação horrivel.

Elle continuou com calma, parecendo obedecer a um poder occulto: «Sim, os remorsos... Fui eu quem, comprado pelo ouro do barão Adalberto, envenenou a mademoiselle Anna!...

—Ficamos immoveis.

Passados alguns segundos, o conde saio do seu estado de immobildade; tendo sêde de vingança, quiz atirar-se sobre Adalberto; este havia desapparecido.

—Bem pode-se imaginar a pe turbagão que reinou no castello.

Uma hora depois o conde apertava-me em seus braços e subia para uma sege de viagem.

Elle não tinha um fim certo; procurava fugir daquella morada fatal.

—Não chorava; unicamente notavam-se-lhe os sigmas de um desespero mudo e estoico de quem não conta mais com esta vida.

O desgraçado Fritz expiou seu crime nesse mesmo dia; morreu em horribes convulsões.

Quando ao barão Adalberto, apezar de todos os esforços que se fizeram p'ra prendel-o, nunca soube-se o fim que levou.

As opinões differem sobre os motivos que o levaram a envenenar a noiva do conde.

O mais seguro é que temeu perder a immensa fortuna do primo, de quem era o unico herdeiro.

FM.

VARIANTE DA FOZ:

Dom Barão como discreto,
de nada se receio;
chamou pelo seu criado
uma carta lhe entregou:

«Novas me chegam agora,
novas de grande pezar, etc.

VARIANTE MARANHENSE:

Dom Barão que era varão
de nada se arreio;
chamou pelo seu moleque,
uma carta lhe entregou:

«Novas me chegam agora, etc.

O romance de Gerinaldo não anda tão espalhado entre nós como o precedente, mas ouvimos-o diversas vezes, com o mesmo-fundo, as mesmas ideias, quasi com a mesma forma que o portuguez, até o lugar em que o rei vai encontrar Gerinaldo nos braços da filha, e diz:

Eu si malo Gerinaldo
criei o de pequeninho!
Eu si malo a d. Infanta
fêz o reinado perdido.

não tendo a variante maranhense os dous versos ultimos da folha do rei:

Metto-lhe a espada no meio
para que sirva de aviso.

A scena do despertar de Gerinaldo, do dialogo delle com a Infanta e depois com o rei, tudo falta na variante maranhense. Quem cantava este romance explicava em prosa que o rei afinal, por pedido da filha, perdoava a Gerinaldo, casando-os depois, e no fim então é que repelia os dous ultimos versos com que acaba o romance portuguez:

Pois toma-a por tua mulher,
e ella a ti por marido.

O symbolo da espada collocada entre os dous não conservou-se, cremos que pela razão de não ser comprehendido, nem ter outro que o substituisse, e d'ahi o esquecimento do resto do romance, com excepção dos dous versos finais.

O Romance da Noiva Roubada não existe entre nós como está na versão de Almeida.

Conheceremos-lhe sómente o fundo, que é muito vulgar entre as historias do nosso povo, e esta quadra, da qual não podemos explicar a existencia, sinão como lembrança vaga de se ter ouvido aqui o dito romance.

Eu não pertendo da toda,
nem lio pouco do junar;
pertendo fallar a noiva,
que é minha prima carnal.

Dos romances do Affres e da Romeirinha não temos absolutamente noticia de variante alguma brasileira.

Já não acontece assim com o Romance da encantada (variante da Foz), que é o mesmo que na versão de Covilhã traz o nome de—Romance da Infanta de França.

O que nos lembramos ter ouvido no Maranhão aproxima-se mais da variante da Foz.

Ha a mesma scena da caça, da donzella no arvoredo, mas o dialogo que se segue não é tão longo. O final é o mesmo.

A tradição dos encantamentos foi muito guardada entre nós, e raro é o conto popular onde ella não entre. Estas historias então de donzellas encantadas, que são salvas por principes, são-nos muito communs.

Tendo comparado os romances d'esta primeira parte do Romancero (vol. 3.º), passaremos á segunda, que se inscreve—Romances de supposta origem portugueza.

Continua.

1127
CELSE DE MAGALHÃES.

Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset.)
(Vide n. 22.)

IX

Não era muito facil conseguir que o cavalheiro consentisse n'este casamento; não que elle não estivesse disposto a fazer todo o possível por miminar a infelicidade de sua filha; mas havia no caso presente uma difficuldade quasi invencivel. Tratava-se de unir uma mulher, sujeita á uma terrivel enfermidade, a um homem ferido pela mesma desgraça, e, si de tal união resultassem fructos, era provavel que elles virião trazer ao mundo mais um desgraçado.

O cavalheiro, morando no campo, sempre entregue á melancolia, continuava a viver só. Enterraram Mme. d'Arcis no parque, cercavam-lhe o tumulo alguns salgueiros chorões, annunciando aos que de longe passavam o modesto logar onde ella repousava. Era para este logar que o cavalheiro dirigia seus passeios diarios. Elle ali passava longas horas, despertando todas as recordações que lhe alimentavam a dor.

Foi lá que o tio Giraud o encontrou uma manhã. No dia seguinte ao em que surprehendo os dous amantes, o bom homem deixou Paris e levou Camilla á sua propria casa no Mans, para ali esperar o resultado do passo que ia dar.

Pedro, advertido d'esta viagem, prometteo conservar-se fiel e prompto a cumprir sua promessa. Orphão havia muito tempo, senhor de sua fortuna, só necessitando tomar conselho de um tutor, sua vontade não temia obstaculo algum. Por seu lado, o bom tio prestava-se a ser mediador e desejava casar os dous jovens, porém ninguém lhe tirava da cabeça que aquella primeira entrevista fora de qualquer modo inconveniente e que não se deveria repetir sem consentimento do pae e do notario.

N's primeiras palavras do tio Giraud, o cavalheiro, como é de prever, ficou admiradissimo. Quando o velho começou a narrar-lhe o encanto na Opera, esta scena bizarra e a peoposta ainda mais singular, a custo elle concebeo que tal romance fosse possivel. Forçado entretanto a reconhecer que lhe fallavão seriamente, as objecções que eram de esperar, acudirão-lhe á mente.

—O que? disse a Giraud. Unir dous entes igualmente defeituosos? Não basta haver em nossa familia uma d'essas pobres creaturas? Não temos então augmentar nossa infelicidade, dando-lhe um marido, victima do mesmo mal? Estou destinado á vê-me cercado de séres reprovados do mundo, objectos de desprezo e piedade? Devo passar a vida com mudos, envelhecer no meio de son horrivel silencio, ter os olhos fechados por taes mães? Deus é testemunha de que não son vaidoso de meu nome, mas, devo legal-o a desgraçados, que não poderão assignal-o, nem pronunciar-o?

—Não pronunciar, sim; disse Giraud, porém assignal-o é outro caso.

—Assignal-o! exclamou o cavalheiro. Está louco?

—Eu sei o que digo, replicou o tio; esse mancebo sabe escrever. Certifico-lhe que elle escreve muito bem e muito correntemente, e para prova veja sua proposta, que, em virtude de ser muito honesta, deve fazer fé.

(Continua.)
A. Gabriel.

Devaneios.

AO MEU AMIGO O DISTINGUIDO ACADEMICO JOSÉ DE ALBUQUERQUE DE SOUZA.

Quem és tu, meigi fada seiscadora,
celeste apparição,
que no exilio procuras vêr de um triste
mitigadas as dores?
Acaso serás tu, esbelta virgem,
pomba de esperança que do céu baixaste
e carinhosa vens torrar á vida
as flores de nimbada ressequidas
pelo gelido sopro do abandono?

És tu a mensageira de bondade,
o anjo do Senhor,
que da sede livrou a no deserto
de Agor o caro filho?
ou estrella propicia, luz divina,
que em noites de ansionas, tenebrosas,
ao naufrago perdido em irado pelago
amorsoso trazer vens a bonança,
o termo do soffrer?.. Oh! ser ethereo?

porque sempre em meus sonhos de descrição
com tua linda fronte
languida e reclinada sobre o peito,
qual lyrio em lenço hastil,
em vejo compassiva contemplares-me,
e qual deusa de amor abris me as azas,
querendo transportar-me a essas plagas
onde podem Camões, Dirceo e Tasso
solhanseiros zombar da sorte ingrata?

Em tua voz esento a colza harpa
meliflua e argentina;
resfido ao teu encanto o céo parece-me
mais limpido e azul;
meus formosos mostrar a luz os brilhos;
e, qual exsua que em argenteo lago brinca
no oceano seu rosto retratando,
nas nuvens incessantemente espreguira-se
como loira criança em casto berço.

Não sei que doce elo a ti me preade.
Qual ao iman o ferro,
meu peito a ti se acerca delirante,
transbordando de affectos;
e ethro como o céo que recolra
a vista, qu' d'esp'rança morta tinha,
eu busco-te, e levar quero-te ulano
ao paraizo de Milton e ao som da avên:
de Virgilio escutar temas hucolicas.

Parem essas miragens que na mente
esvoaçam tão bellas
se esvaem como um osc'lo puro e santo
—um sorriso de amor—
que dos labios nimbosos de uma mãe
morrer enternecido vai nas faces
d'aquelle que em seu seio acarecia.
Madona, si o prescripto dó merece-te
descerra-lhe do futuro o escuro véo.

Deixa que ouvindo o grandioso Dias
soltar os hymnos seus,
ou de Abreo, Azevedo, Sá, Galvão
apprenda os teus segredos,
e em linguagem que a Deus os anjos fallam
na lyra dedilhando ameno canto
dizer possa enlevado em meigo arroubo:
—Rainha do ideal, oh, poesia!
ao ermo! a solidão! veni, que te adoro.—
Miguel Marques

A serenata.

(Imitação de Offenbach)

* MEU AMIGO O DR. GENTIL BRAGA.

-Oh! que doce melodia
Vem o meu somno quebrar?...
—Dorme, dorme, minha filha.
Tu estavas a sonhar.
É a febre que te agita;
Eu ninguém ouço cantar.

-Mãe, da janella eu já sinto
Mais a voz se aproximar...
—Pobre filha, coitadinha!
Com serenata a sonhar!
Dorme, que os meus agitos
Dormindo devem estar.

-Não, minha mãe, não e d'elles
A voz que eu ouço cantar...
Vejo uma noiva dormida
Que já me vem e remudar...
Adormo, ó mãe, são os anjos
Que estão por mim a chorar.

Maranhão, 1873.

J. T. de Souza.

CHRONICA.

Tragam-me semanas destas, semanas cheias (na phrase do collegião do diário official), e digam-me depois si sou ou não sou um chronista de-se-lhe tirar o chapéo. Elogio em boca propria é vituperio, não é assim? mas—então—o que querem? não faço mais que imitar muitos sujeitinhos a quem para encontrar não é preciso saber desta boa terra, que elogiam-se a si proprios, talvez—não sei—por acharem acertado o ditado que sustenta que a justiça deve começar por casa.

Deixo-me, porém, de exórdio, que é letra morta, e principio por dizer aos leitores que percorreu com a costumada pompa as costumadas ruas a procissão do Santissimo Sacramento da Sé, sem grande concorrência.

Encaradas do modo que o são, em nossa terra, as procissões, onde o respeito não vae, seria melhor extingui-las, cessando assim os abusos que a cada passo se vêem.

Acompanham as procissões 8 grupos, á saber:

1º, os moleques que lá vão para fazerem a mais infernal algasarra, erguerem as taboas do foguete que sempre as precede, e desmoralisarem nos.

2º, os pedestres—para dar bordoadas nos precedentes.

3º, os irmãos, uns—para satisfazer ás exigencias do seu compromisso; outros—menos ensatos, para mostrarem-se de capa á pequena, carregar uma das varas do Viatico por dizer ella consigo:—*Elle tem força*; outros, enfim

Por dar algum alívio ao pensamento.

4º, o clero—por obrigação.

5º, as auctoridades, por formalidade.

6º, a plebe, que, não obstante munir-se della uma terça parte de algum fervor religioso, só serve para augmentar a algasarra, andar aos apertões, desenrollar a lingua, etc.

7º, os corpos militares, como o clero, por obrigação.

8º—Os rapases, finalmente, para passarem, aproveitando o ensejo das procissões por estarem nessa tarde todas as mocas nas janellas.

Reuna á isto o leitor muito desaforo ao 1º; muita actividade ao 2º; muita *pabalgem* ao 3º; alguma carolice ao 4º; muito suor ao 5º; muita estupidez ao 6º; muita compaixão ao 7º; muita pedantismo ao 8º; e ahí tem o leitor o que é uma procissão, o que são todas as procissões na nossa terra.

Na noite desse mesmo dia abrio-se pela primeira vez ao publico, depois de plutado e sarapatado de novo, o velho S. Luiz; o concerto pode ser grande coisa, mas foi justamente o que me não pareceo, á vista da *metgalheção* porque passou uma das pernas de um individuo n'um grande alcapão, tratado pela bucca desatuidora de Saturno n'um dos corredores daquelle edificio!

Metade do producto desse espectáculo foi applicado em beneficio das obras das escolas publicas do ensino primario, para cujo honravel fim avultados têm sido os donativos obtidos pelo Exm. Sr. Presidente da Provincia, que se mostra nobremente empenhado na realisação da grandiosa idea.

Porisso era de esperar que fosse mais concorrido o espectáculo, no qual tomaram parte os Srs. Seolari, Eduardo Távares e Sra. Rachel de la Vigne.

O primeiro cantou tres arias: agradou na da *Calamnia do Barbeiro de Secilha*, e foi chamado á scena na do *Acuturario do Guarany*.

A Sra. Rachel de la Vigne pode ser uma boa actriz *buffe* e ter uma *cozinha* soffrivel; nos pedaços, porém, que cantou, parece-me que não revelou ser *lá essas cousas* na materia musical, antes espichou-se redondamente em muitos logares.

Entretanto á rapasada, vestigios mortos de *poncetistas* e *popistas*, applaudiu muitas vezes.

Esta Sra. faz beneficio na quarta-feira. Quando ao jovem Eduardo, sem querer desanimá-lo, porque para isso me falta competência; sou de parecer que não mostra a menor disposição para a acrobacia. A verdade pede Deus que se diga.

Elle no trapezio e uma preguica na arvore podem disputar a destreza de cada um; quando *conseguia* sentar-se *commodamente* no trapezio, limpando um inter-navel suor, parecia que o Sr. Eduardo dizia com toda a flangma ao respeitavel publico:—Aqui estão ás vossas ordens; dizei-me o que hei de fazer.

Si não fosse temer cahir no desagrado desse moço e na de seus amigos, que *certamente achar-me-hiam um pessimista pouco patriota*, aconselhá-o-hia sinceramente que não tornasse a pisar no paleo, e si pizasse, não subisse em cordas, e si subisse, não fizesse *peloticas*, por isso que farto dellas andamos nós.

Parece que com as ultimas chuvas tem cahido sobre a cidade uma inundaçáo de artistas de todos os calibres e lotações.

Olha-se para todos os lados: em todos

se descortina terrifica e ameaçadora uma perspectiva de concertos!

O individuo, que vê-se obrigado a sair de casa, atravessa as ruas desconfiado e a passo de carga, si não quer ser detido a cada instante pelos passalobres de bilheres.

Que calamidade, santo Deus!...

Calamidade seria, porém ainda maior, si entre os nomes pretenciosos que apregoam os jornaes, não se erguesse esplendido o nome de um artista verdadeiramente illustre.

Heio Bussmeyer é esse. Phisionomia distinta, talento admiravel!

Onvi-o quarta-feira nos salões da Limitada, o seu concerto lhe confirma a nomeada de artista superior.

Agilidade, *bravura*, suavidade, delicada expressão de sentimentos, tudo isso manifesta elle no correr da execução de seu magnifico instrumento.

Bussmeyer filia-se pelo estylo á grande escola dos pianistas allemães.

Correcção extrema e aprimorada elegancia são o *substractum* de sua individualidade artistica.

Previamente o seu programma revelava-o homem de gosto finissimo.

Eis as peças que executou:

Trocador (grande paraphrase); *Ultima esperanza*, meditação; *Banjo*, difficil *capriccio* americano; *Marcha nupcial*; *Aceitacio*, de Schubert; *gubope hungaro*; *Fausto e Higolotto*.

Auxiliaram-no em seu concerto os Srs. Rayol e Guignard.

Guignard acompanhou a *Limba* e satisfez conscienciosamente no terceto do *Fausto*.

Para o joven Rayol, foi esta uma noite de transfiguração. Como que lhe preduplicava o brilho e a *verve* a presença do famoso artista. A Phantasia de Alard foi irreprehensivel, magistralmente executada.

E de esperar que Bussmeyer dê outros concertos, deixando-se applaudir mais vezes. Não lhe escasseará o auditorio, porque nos reis da arte o acompanham sempre os cortejos e os triumphos.

—Estam sendo feitas com esplendor as novenas de S. João.

No largo—a monotonia de costume, os botequins, as traulpitanas, etc.;—no templo a musica do novenario, produção do Sr. Rayol, tem atrahido grande numero de amadores, e o prazer com que tem sido ouvida redonda em honra do joven maranhense.

No parecer de entendidos estes trabalhos denunciavam uma phase já notavel no estylo do compositor, tornando-se esta circumstancia ainda mais patente no *credo* e *gloria* da nova missa, que se executará no dia da festa. Trechos delicados, acurada instrumentação, firmeza na ligação e deducção dos pensamentos, mais unidade em fim,—constituem da nova *missa solemne* um bello triumpho artistico, que muito folga de registrar.

Eloy, o herói.